



A UTILIZAÇÃO DOS COBOGÓS NA ARQUITETURA MODERNA INDUSTRIAL CAMPINENSE: Fábrica da Wallig. 1965-1970.

LA UTILIZACIÓN DE LOS COBOGOS EN LA ARQUITECTURA MODERNA INDUSTRIAL CAMPINENSE: Fábrica de Wallig. 1965-1970.

THE USE OF COBOGOS IN MODERN INDUSTRIAL ARCHITECTURE CAMPINENSE: Wallig Factory. 1965-1970.



RESUMO

Este artigo insere-se no Eixo Temático 2: Trajetórias Profissionais e Documentação; e é resultado de investigações realizadas pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar, cadastrado na Universidade Federal de Campina Grande e no CNPq, na linha sobre Patrimônio Industrial. O objeto de estudo consiste nos cobogós industriais modernos da fábrica da Wallig de Campina Grande, agreste paraibano. O objetivo é analisar o desenho e a funcionalidade dos mesmos em relação ao lugar e documentá-las tendo em vista que fazem parte de um rico acervo que tem se deteriorado gravemente nos últimos anos. Justifica-se a apresentação do mesmo, pelo ineditismo do estudo dos cobogós do acervo moderno industrial e pela necessidade em divulgar e discutir dois temas polêmicos na contemporaneidade, que são os acervos pertencentes ao patrimônio moderno e o industrial. Percebe-se que as indústrias modernas não vêm sendo considerados em inventários realizados pelos órgãos preservacionistas e, portanto, vem sofrendo modificações e sendo perdidos ao longo dos anos. O artigo trabalha com a metodologia dos autores SERRA (2006) e ROVIRA e GASTON (2007). O aporte teórico está sustentado em autores como CHOAY (2006), as cartas patrimoniais, CARSARLADE (2012), KUHL (2008), AFONSO (2017), que abordam a respeito das questões patrimoniais em nível internacional e nacional.

Palavras-chave: Patrimônio Moderno Industrial, Soluções climáticas, Preservação.

RESUMEN

Este artículo se inserta en el Eje Temático 2: Trayectorias Profesionales y Documentación; y es resultado de investigaciones realizadas por el Grupo de Investigación Arquitectura e Lugar, registrado en la Universidad Federal de Campina Grande y en el CNPq, en la línea sobre Patrimonio Industrial. El objeto de estudio consiste en los cobogós industriales modernos de la fábrica de la Wallig en Campina Grande, agreste del Paraíba. El objetivo es analizar el diseño y la funcionalidad de los mismos en relación al lugar y documentarlas teniendo en vista que forman parte de un rico acervo que se ha deteriorado gravemente en los últimos años. Se justifica la presentación del mismo, por el ineditismo del estudio de los cobogós del acervo moderno industrial y por la necesidad de divulgar y discutir los dos temas polémicos en la contemporaneidad, que son los acervos pertenecientes al patrimonio moderno y el industrial. Se percibe que no vienen siendo consideradas las industrias modernas en inventarios realizados por los órganos preservacionistas y, por lo tanto, vienen sufriendo modificaciones y siendo perdidos a lo largo de los años. El artículo trabaja con la metodología de los autores SERRA (2006) e ROVIRA e GASTON (2007). El aporte teórico está sustentado en autores como CHOAY (2006), las cartas patrimoniales, CARSARLADE (2012), KUHL (2008), AFONSO (2017), que abordan sobre las cuestiones patrimoniales a nivel internacional y nacional.

Palabras clave: Patrimonio Moderno Industrial, Soluciones climáticas, Preservación.

ABSTRACT

This article is insert in Thematic Axis 2: Professional Trajectories and Documentation; and is the result of research realizes by Arquitetura e Lugar's Research Group, registered at the Universidad Federal de Campina Grande and CNPq, in the line of Industrial Heritage. The study object consists at the analysis of the modern industrial pavilions of the Wallig factory at Campina Grande, agreste of Brazil. The objective is to analyze their designs and functionality in relation to the place and document them as part of a rich collection that has deteriorated seriously in recent years. The presentation of it is justified by the novelty of the study of the cobogós at the modern industrial heritage and by the need to disclose and discuss two polemic themes in contemporary times, which are the collections belonging to modern and industrial patrimony. It is noticed that modern industries are not being considered at the inventories made by the preservationist organs and, therefore, it has been undergoing modifications and being lost over the years. The article works with the methodology of the authors SERRA (2006) e ROVIRA e GASTON (2007). The theoretical contribution is supported by authors such as CHOAY (2006), patrimonial letters, CARSARLADE (2012), KUHL (2008), AFONSO (2017), which deal with patrimonial issues at international and national levels.

Keywords: Industrial Modern Heritage, Climate solutions, Preservation.



Introdução

O presente trabalho possui como objeto de estudo a análise de três cobogós industriais modernos, encontrados nos galpões da parte norte do complexo industrial da Wallig de Nordeste S.A, uma fábrica de fogões pertencente ao Grupo Wallig do Rio Grande do Sul, localizada no bairro do Distrito Industrial da cidade de Campina Grande, agreste paraibano.

O objetivo do presente artigo é analisar o desenho e a funcionalidade dos cobogós em relação ao seu lugar de implantação, observando o uso para o qual foram idealizados e o uso atual destes. Objetiva-se, ainda, a documentação deles e expor a sua situação atual tendo em vista que fazem parte de um rico acervo que tem se deteriorado gravemente nos últimos anos.

Este artigo é decorrência de investigações realizadas pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar, cadastrado na UFCG/ Universidade Federal de Campina Grande e no CNPq, no PIVIC da linha voltada para o estudo do Patrimônio arquitetônico Industrial.

Justifica-se a apresentação deste estudo, pelo ineditismo do estudo dos cobogós do acervo moderno industrial campinense e pela imprescindibilidade em divulgar e discutir dois assuntos polêmicos na contemporaneidade, que são os acervos pertencentes ao patrimônio moderno e o industrial. Pois percebe-se que as indústrias modernas não vêm sendo considerados em inventários realizados pelos órgãos preservacionistas e, portanto, vem sofrendo modificações e sendo perdidos ao longo dos anos.

A metodologia adotada pelo presente artigo está baseada em SERRA (2006) e ROVIRA e GASTON (2007) e também por AFONSO (2017). Pretende-se analisar os cobogós respectivamente a partir do: módulo do cobogó - sua geometria, seu desenho, suas dimensões - junção dos módulos - analisando como se dá essa trama através de linhas e colunas formando um plano - relação do plano com o edifício e sua influência climática e compositória nas fachadas da fábrica.



Referencial Teórico

O objeto de estudo nesse artigo trata-se do cobogó, um elemento construtivo criado em 1929 pelo Alemão Ernst August Boeckmann, o engenheiro Antônio de Góes e o Português Amadeu Oliveira Coimbra, que residiam em Recife – PE. Nomeado com as iniciais dos criadores, o cobogó logo se popularizou no nordeste devido ao clima tropical e a necessidade de vedar ambientes, preservar a circulação dos ventos e filtrar a luz, essenciais no conforto térmico em climas quente e úmidos. Somado a isso, o cobogó ganha espaço como elemento chave na racionalidade construtiva, como conceitua Armando Holanda (1976):

O cobogó ocorre frequentemente nas construções modernas do Nordeste, com desenhos fantasiosos ou ingênuos, mas sempre um elemento simples, leve, resistente, econômico, sem exigências de manutenção e com alto grau de padronização dimensional. Com o estágio de racionalização atingido, num processo natural de seleção, o cobogó é um componente preparado para a grande produção industrial. (HOLANDA, 1976, p. 19)

O cobogó apresenta uma gama de variações, podendo ser encontrados em cerâmica, concreto e vitrificados nas mais diversas cores e formatos. HOLANDA (1976) conceitua o cobogó como “elemento construtivo e expressivo de uma arquitetura aberta dos trópicos”. Reforçando a permeabilidade visual do cobogó, visto que veda ambientes mas não bloqueiam totalmente a visão, promovendo uma interface do interior do edifício com o exterior.

Percebe-se que além da sua vantagem bioclimática, o cobogó apresenta fácil manutenção e economia na fabricação, nesse aspecto popularizou-se no Nordeste e no caso de grandes construções, como a Fábrica Wallig, mostrava-se rentável na composição de grandes planos nas fachadas, pois, em um período de ausência dos condicionadores de ar, os arquitetos sentiram-se motivados a utilizar esse elemento como solução climática.



A repetição com o qual o elemento é utilizado gera grandes texturas nas peles, jogos de cheios e vazios que dão movimento ao volume, ainda que estático como conceitua Antônio Tarcísio Reis:

Malha, rede ou trama formada por elementos que, devido a sua proximidade, similaridade e quantidade, não são percebidos como figuras individuais. Objetivo de formação de superfície homogênea na fachada e volume através de elementos arquitetônicos similares, numerosos e dispostos muito próximos uns dos outros, conferindo um caráter estáticos. (REIS, 2002, P. 37)

A riqueza estética desse elemento motivou a adoção dos planos de cobogós nas fachadas, recursos não apenas climáticos, como também compositivo nas peles ou invólucros do volume edificado, e ganham um grande apelo estético, Joaquim Cardozo conceitua “Estas superfícies de cobogó atuando nas fachadas muito ensolaradas como verdadeiro “brise-soleil”, produzem desenhos caprichosos de sombra e luz, de bom efeito decorativo.” (CARDOZO, 1939, p. 13)

O lugar onde houve a grande difusão do cobogó foi no Recife – PE, e exerceu grande influência na difusão desse material em Campina Grande – PB, visto que, foi amplamente utilizado em Pernambuco através de arquitetos como Heitor Maia Neto, Augusto Reynaldo, Waldeci Pinto, Paulo Vaz, Luiz Nunes, Tertuliano Dionísio, dentre outros. Arquitetos que construíram não apenas em Recife mas em todo o Nordeste, trazendo o Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco – EBAP como difusor da solução em estudo, como descrevem Alcília Afonso e Péricles Medeiros:

Entre os princípios presentes nesta dita Escola pode-se destacar: a estruturação e ordenação das plantas no que diz respeito ao controle da modulação, tramas ordenadoras e à resolução de programas; [...]; as investigações climáticas que interferiram na volumetria, podendo-se aqui destacar pontos resultantes desta busca, que se converteram em constantes projetuais, tais como a elevação da casa do solo, os arremates em concreto envolvendo e protegendo as esquadrias externas; o uso de revestimentos cerâmicos nas fachadas, protegendo-as das intempéries; os fechamentos de paredes através de esquadrias detalhadas em madeiras vazadas, ou de elementos fixos, como brises,

cobogós, buzinetes, e parapeitos ventilados (AFONSO; MEDEIROS, 2015, p. 3).

Cabe também destacar a proximidade da cidade de Campina Grande com Recife, o lugar no qual o cobogó se difundiu como principal elemento da modernidade e que acabou sendo importado para a cidade não só com o uso em fábricas, mas em residências construídas pelo arquiteto Geraldino Pereira Duda e em repartições públicas, como é o caso do arquiteto Tertuliano Dionísio.

A fábrica em estudo, mesmo projetada por um escritório no Rio Grande do Sul, os arquitetos tiveram a sensibilidade de considerar a tipicidade do local na escolha dos materiais construtivos, como será abordado adiante, o edifício conta com uma variedade de 6 cobogós em seu galpão norte.

A fábrica Wallig Nordeste S.A

O recorte espacial estudado trata-se da do pavilhão norte da fábrica Wallig Nordeste S.A., localizada de Campina Grande (Figura 1) no agreste da Paraíba. A cidade exerce uma influência geoeconômica em limites que transpõem fronteiras estaduais e se trata de uma das mais importantes territorialidades de toda região nordestina.



Figura 1 – Inserção da fábrica Wallig Nordeste S.A. e Pavilhão Norte
Fonte: LEITE J. (2018)



Na década de 60 do século XX que a cidade Campina Grande sofreu um grande crescimento econômico, conseguido por intermédio de políticas de incentivos fiscais principalmente por intervenção da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), fato gerador de um distrito industrial na mesma. E esta ascensão gerou um grande e significativo acervo arquitetônico industrial moderno para a localidade.

Neste contexto de desenvolvimento e ascensão econômica que a sede da empresa Wallig Nordeste S.A foi implantada (no Distrito Industrial, na Zona Sul de Campina Grande). O grupo Wallig, oriundo do Rio Grande do Sul, foi um grupo industrial de dimensão nacional e exerceu grande influência socioeconômica para a cidade de Campina Grande nas décadas de 60 e 70 do sec. XX.

O grupo notou a cidade de Campina Grande como vantajosa para instalar a sede nordestina da indústria, devido a rentabilidade e as políticas de incentivo fiscais oferecidas. Este se instaurou na cidade fabricando fogões, entretanto, chegou a falência por ter que subsidiar a indústria de fogões “Cosmopolita” (situada em São Paulo), no ano de 1972, que estava com muitos débitos.

Nessa conjuntura, a fábrica fecha suas portas em setembro de 1979, pela memória emblemática desta para a cidade por muitos anos ela foi utilizada como mote em discursos políticos que propunham uma reabertura. Fato que ocorreu somente em 2006, através de uma intervenção que a transformou em um condomínio industrial, que abriga cerca de 16 empresas.

A fábrica foi projetada pelo Estúdio de Arquitetura Sérgio e Pellegrini Cia Ltda, localizado em Porto Alegre. Esta chama atenção pela arrojada solução projetual climática, principalmente tendo em vista a disparidade entre o clima do Rio Grande do Sul (local onde o projeto foi idealizado) e o da Paraíba (local para onde o mesmo planejado e executado).

Entre as soluções climáticas utilizadas na fábrica encontram-se brises, sheds e várias tipologias de cobogós. Dessas soluções serão estudadas, neste artigo, os cobogós,

especificamente três tipos de cobogós industriais modernos, da parte norte da fábrica, suas funções e seus estados de conservação.

Objetos de Estudo

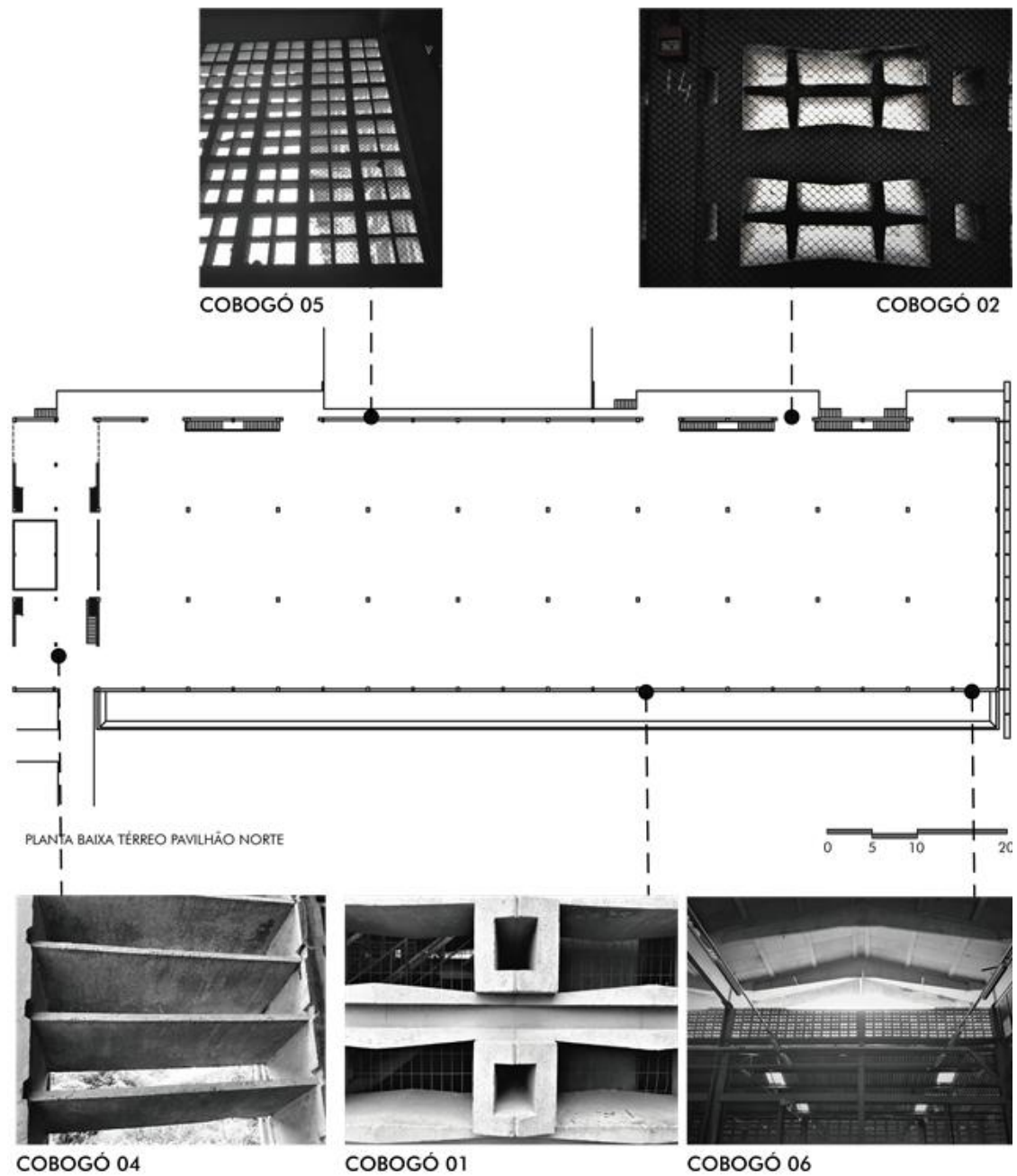


Figura 2 – Localização dos cobogós em Planta do Pavilhão Norte
Fonte: Redesenho de Planta por GRUPAL (2017); Montagens e Fotos por LEITE J. (2018)

Dentre os cobogós identificados no pavilhão norte da fábrica Wallig Nordeste S.A (Figura 2) resolve-se estudar apenas três (Cobogó 01, Cobogó 02, Cobogó 03), estes selecionados pelo ineditismo em seus desenhos, pela funcionalidade e composições obtidas nas tramas compostas por módulos geradores, e as soluções climáticas que potencializem o valor desta obra pertencente ao Patrimônio Industrial Moderno de Campina Grande.

Para esta análise os cobogós foram compreendidas em três escalas: o Módulo Gerador, detendo-se a suas dimensões, elementos compositivos, geometria e materialidade; a Malha ou Trama, tratando da união desses módulos e a composição gerada; e por fim, a relação do Plano com o Edifício, abordando a forma como foram implantados, e como esses planos influenciam na composição das fachadas e no conforto ambiental da obra.

COBOGÓ	DIMENSÕES <small>(comprimento, largura, altura) e junta</small>	MATERIALIDADE
Cobogó 01	(93cm x 42cm x 40cm) Junta 7cm	concreto aparente
Cobogó 02	(93cm x 42cm x 40cm) Junta 7cm	concreto aparente
Cobogó 03	(30cm x 09cm x 30cm) Junta 0,5cm	concreto aparente

Tabela 01 – Dados Levantados dos Cobogós
 Fonte: DINIZ D. (2018)



Figura 3 – Pannel com vista frontal e lateral _ Cobogó 01
 Fonte: LEITE J. (2018)

Quanto ao módulo gerador do cobogó 01 foi analisado que embora a peça completa moldada na fabricação compreenda o grande retângulo de dimensões 93cm X 42cm X 40cm (Tabela 1), o desenho motor do elemento construtivo se dá pelo trecho representado no ponto 1 da Figura 4. Este apresenta desenho geometrizado, composto por dois planos trapezoidais, um na base inferior e outro superior, unidos por elemento quadrado seccionado sutilmente inclinado. Este módulo foi fabricado em concreto, o qual encontra-se sem acabamentos, caracterizado como elemento de baixo custo e fácil manutenção.

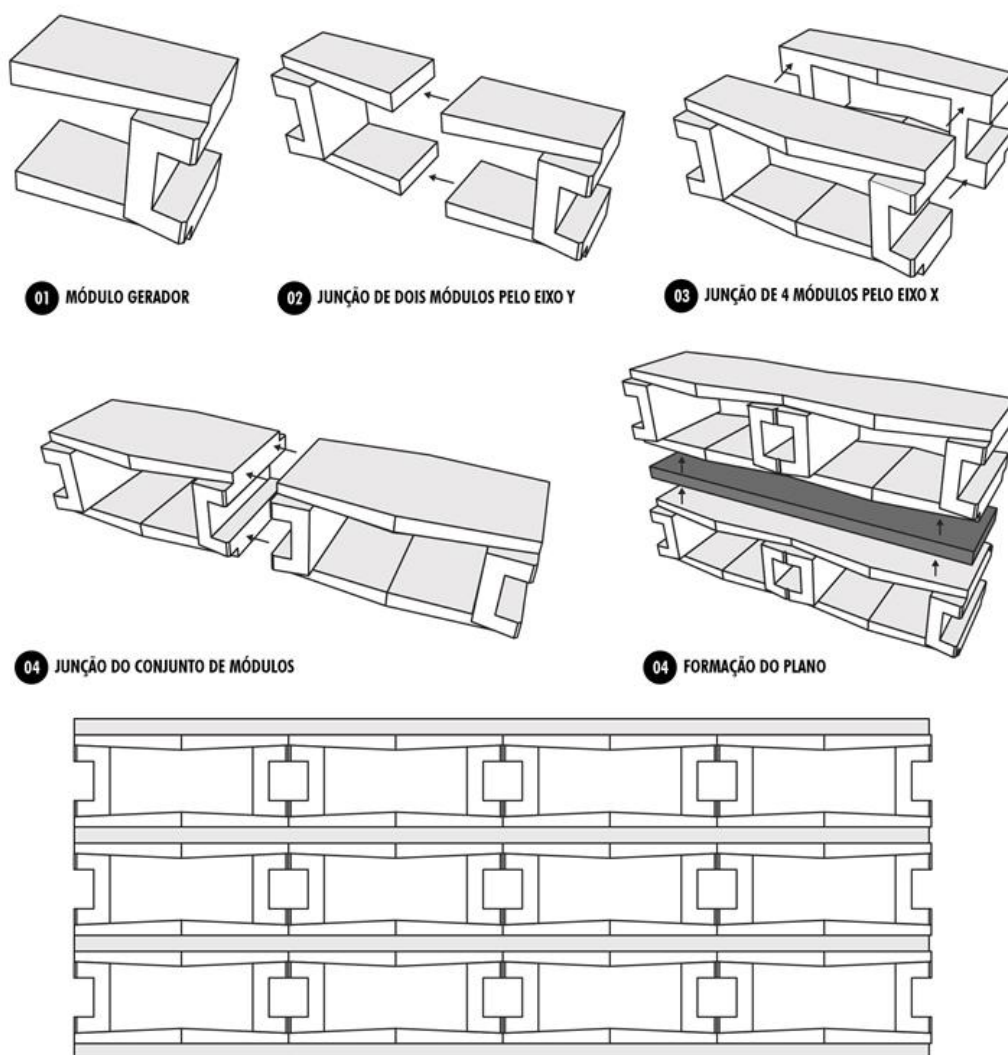


Figura 4 – Esquema de formação do Plano_Cobogó 01

Fonte: DINIZ D. (2018)

A união desses módulos é dada por uma argamassa de espessura 7cm eixo vertical, formando desta forma a Trama, utilizada em duas composições na fachada principal da lâmina norte, uma composta por 4 linhas e 5 colunas inseridas acima das vigas, e uma composta por 6 linhas e 5 colunas inseridas abaixo da viga, como disposto na Figura 5. A composição formada pelo cobogó 01 destaca-se sobretudo pelo não limitar-se a um desenho planificado, mas utilizar-se da profundidade e traços não ortogonais, atingindo dinamismo por meio desse elemento construtivo.



Figura 5 – Tramas compostas_ Cobogó 01
Fonte: LEITE J. (2018)

Por fim, ao voltar-se para a relação do plano criado com o edifício as dimensões atípicas, forma retangular e eixos com dimensões superiores ao tradicional cobogó de 0.30m X 0.30m, dialogam de forma harmoniosa com o alto pé direito das paredes externas da Fábrica, uma vez que há proporção ao que tange a relação de cheios e vazios.

Como solução arquitetônica para questões climáticas o cobogó se apresenta como uma alternativa eficiente ao possibilitar um fluxo constante de ventos e entrada de luz; entretanto essas consequências eram desejáveis ao uso original como fábrica de fogões, onde os funcionários ocupavam o pavilhão durante a jornada de trabalho, com a mudança de uso a entrada constante de luz e ventilação não características almejadas

para o depósito, acarretando em intervenções no patrimônio como o fechamento dos planos de cobogós.

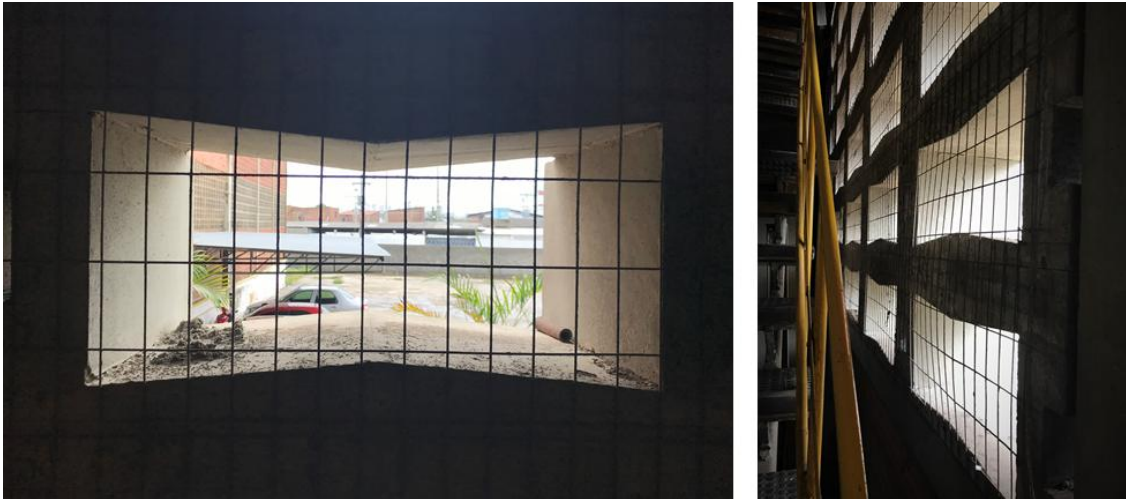


Figura 6 – Entrada de Luz através dos cobogós_ Cobogó 01
Fonte: LEITE J. (2018)

O cobogó 02 tem o seu Módulo Gerador composto pelo mesmo do módulo do cobogó 01, com adição de uma peça no vazio da moldura composta duas placas verticais e uma horizontal; o traçado apresentado também é geometrizado, tomando partido na peça adicionada também de linhas inclinadas afim de acrescentar a sensação de dinâmica e profundidade. Apresenta materialidade semelhante, o concreto aparente também é adotado neste cobogó.



Figura 7 – Pannel com vista interior e detalhe _ Cobogó 02
Fonte: LEITE J. (2018)

A forma de junção dos cobogós do tipo 2 é semelhante a do tipo 01, as tramas compostas no mesmo arranjo de linhas e colunas são agora dispostos na fachada noroeste do pavilhão; inseridas no nível térreo, no qual com o desnível topográfico em direção ao norte do terreno dificultou-se o acesso direto externo a esses grandes planos. A composição formada pelo plano apresenta um caráter mais complexo que a trama anterior, apesar da semelhança quanto ao efeito dinâmico com as inclinações, que pode gerar certa confusão ao observar rapidamente os dois módulos, o resultado é de uma sobreposição de cheios sobre os vazios.

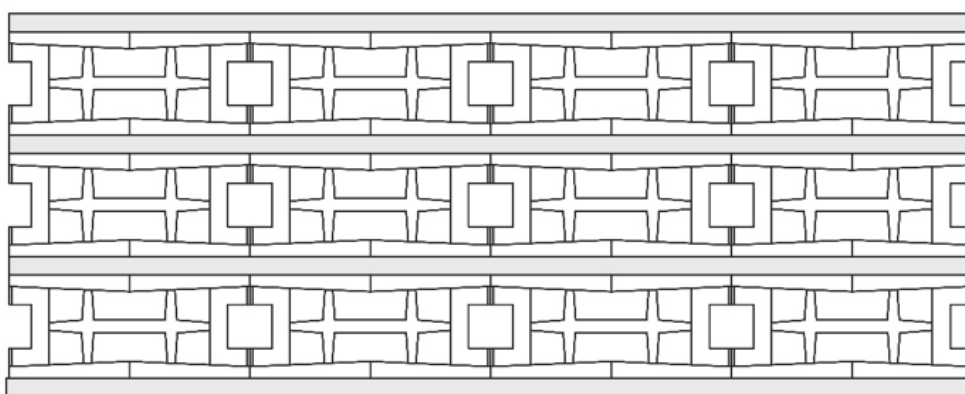
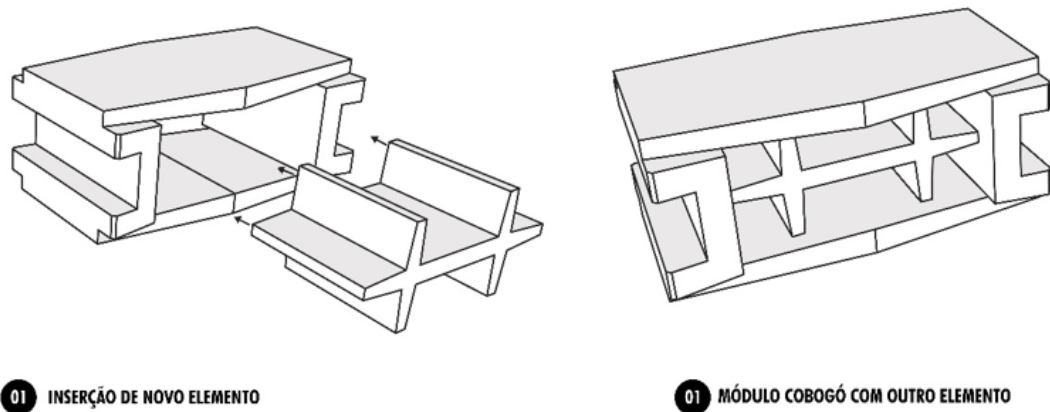


Figura 8 – Esquema de formação do Plano_ Cobogó 02
Fonte: DINIZ D. (2018)

Na relação do plano com o edifício é possível diagnosticar a maior eficiência na trama composta pelo cobogó 02 em filtrar a entrada de luz no ambiente, preocupação projetual

relacionada a implantação do prédio no qual a fachada onde este cobogó foi inserido recebe grande parte da radiação vinda do oeste.



Figura 9 – Pannel com vistas_ Cobogó 03
Fonte: LEITE J. (2018)

Ao analisar o cobogó 03 percebe-se que este apresenta dimensões e aplicação com maior semelhança ao tradicional cobogó de 0.30m X 0.30m, por outro lado, considerou-se relevante a análise do mesmo por seu desenho e solução para entrada de ventilação e luz.

O Módulo Gerador deste cobogó é composto por um bloco sólido com dimensões de 30cm X 9cm X 30cm (Tabela 1) com vazão de 26cm de diâmetro, adicionado a este bloco duas placas semicirculares com leve inclinação. Diferentemente dos demais, este cobogó de concreto possuiu um acabamento em tinta branca em alguns setores, e sem acabamento em outros.



Figura 10 – Tramas compostas_ Cobogó 03
Fonte: LEITE J. (2018)

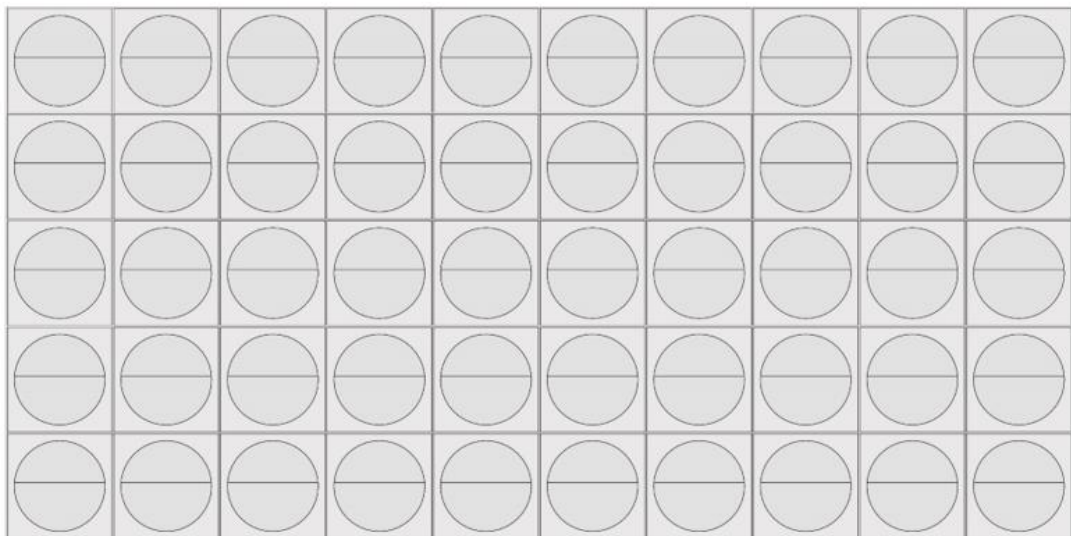
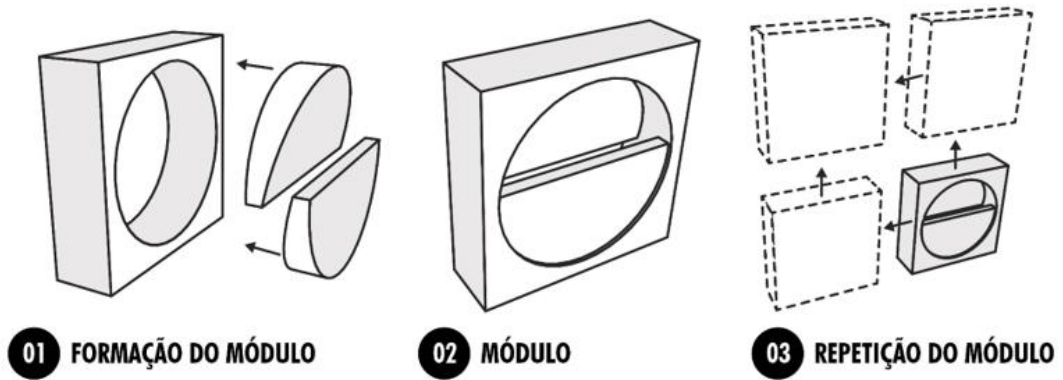


Figura 11 – Esquema de formação do Plano_ Cobogó 03
Fonte: DINIZ D. (2018)



A trama aplicada no pavimento do subsolo é composta por 5 linhas e 7 colunas (Figura 10), disposta sobre peitoril de 1,10m afim de alinhar com o plano da esquadria ao lado. A composição formada por essa tipologia apresenta um caráter planejado, mesmo que trabalhe com a inclinação de alguns traços, a predominância em vista é de um traçado circular repetitivo. É possível verificar que as junções entre os módulos nessa trama são quase imperceptíveis, uma vez que os blocos são menores e mais leves.

Quanta a relação do mesmo com o edifício percebe-se que este foi implantado em um setor mais íntimo da Fábrica, área de suporte dos funcionários, justificando assim a menor permeabilidade visual através deste cobogó. Considerando a aplicação dos mesmos em conjunto as esquadrias e seu desenho mais fechado, conclui-se que o objetivo com este traçado seria de gerar a circulação constante de ventos sem que houvesse visibilidade exterior interior.

Discussão

Dentro dos questionamentos levantados a partir da análise, apresenta-se as consequências do uso atual do pavilhão norte da fábrica Wallig Nordeste S.A distinguir-se da função para qual o edifício foi projetado. Vê-se que afim de adaptar-se as novas necessidades modifica-se a obra original e, conseqüentemente, os seus elementos construtivos como os cobogós.

Como citado anteriormente, o edifício hoje atende a função de depósito de produtos, onde anteriormente eram dispostas as máquinas para a fabricação de fogões e havia presença de funcionários, fazendo-se necessário o permanente fluxo de ventos e entrada de luz. Na atualidade, essas características tornam-se um problema, respondido atualmente com o fechamento desses elementos por telas, tapumes, ou até mesmo alvenaria (Figura 12).

Além do fechamento dos plano de cobogós, foi identificada um ampliação do pavilhão norte em relação ao projeto original, essa modificação fica ainda mais evidente ao

observar que os planos de cobogós existentes foram retirados e recolocados na nova parede (Figura 12), de forma desordenada e demarcando mais uma descaracterização no edifício.

Apesar destas modificações ao serem avaliados os cobogós existentes na fábrica como um todo, é possível classifica-los razoavelmente alterados, sabendo-se que a maioria das modificações se restringem a uma das tipologias dos cobogós presentes no local. No entanto é de suma importância a documentação desses exemplares ímpares da arquitetura industrial moderna para que estes sejam salvaguardados na memória do moderno campinense.



Figura 12 – Pannel com descaracterizações realizadas no edifício.
Fonte: LEITE J. (2018)

Por um lado, observa-se a qualidade projetual desta obra industrial moderna, em seus critérios construtivos e em elementos arquitetônicos como os cobogós, por outro, a descaracterização e a dificuldade de adaptar-se a novos usos sem danificar o patrimônio. Levanta-se então a discussão acerca de como tratar na contemporaneidade com os acervos pertencentes ao patrimônio moderno e o industrial.

Conclusão



Este trabalho tem como objetivo a exposição da arquitetura climática industrial moderna da cidade de Campina Grande/PB, com o enfoque em cobogós. A cidade possui grande acervo da arquitetura moderna, que foi produtora de elevada riqueza para a localidade, e na atualidade ainda possui representatividade para ela. Para expor o rico patrimônio desta região, analisou-se três tipologias de cobogós da fábrica da Wallig Nordeste, que mesmo que tenham sofrido algumas modificações ainda se encontram em estado de conservação razoável.

Entretanto, o estado de conservação dos cobogós estudados se trata de uma exceção em meio às estruturas industriais campinenses predominantes. As fábricas modernas não possuem nenhum tipo de proteção legal e, portanto, vem sofrendo intervenções sem nenhum tipo de resguardo patrimonial. Tais fatos significam que o patrimônio industrial moderno de Campina Grande vem perdendo seus atributos que são de grande significância para a historicidade da região.

Lamentavelmente, este não se trata de um caso isolado, mas de uma realidade em inúmeras cidades do país, devido ao processo de urbanização crescente na contemporaneidade. Entretanto, os debates sobre o patrimônio industrial são consideravelmente novos e as intervenções ocorridas raramente as levam em consideração, gerando, portanto, a perda de bons exemplares.

Presume-se que esta pesquisa, assim como outras sobre este tema, sejam colaborativas de forma preliminar com a tarefa da preservação patrimonial que vem acontecendo em todos os níveis dos entes federativos, ao inventariar, examinar e divulgar o patrimônio industrial, visando que estas obras sejam inseridas no procedimento de resgate dessa época da história brasileira, e que posteriormente ajudem no processo projetual industrial da contemporaneidade, levando-se em consideração que atualmente muitos profissionais especialistas da área desconhecem o valor dessas edificações.

Campina Grande segue a tendência brasileira da desconstrução de seu legado arquitetônico e urbanístico recente. Logo, é de extrema importância que procure-se difundir este fato de tal forma que haja o seu combate. O presente trabalho representa



uma contribuição do curso de Arquitetura e Urbanismo de Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) para o desenvolvimento de tal iniciativa, assim como, para a documentação de história moderna do país.

Referências Bibliográficas

CARDOZO, Joaquim. Aula de abertura dos cursos, 1939. Apud. SANTANA, Geraldo. Presença de Joaquim Cardozo na arquitetura brasileira. Episódios de Recife, Pampulha e Brasília. ESTADO DE PERNAMBUCO. Suplemento Cultural do Diário Oficial. Recife, ago.1997.ano XII. p.13

HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no nordeste. Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.** Recife: UFPE/ MDU, 1976, p.19.

MEDEIROS, Péricles; AFONSO, Alcilia. **O “registro” como instrumento legal para a preservação do patrimônio material: uma alternativa para a salvaguarda do patrimônio industrial brasileiro.** In: XVIII JORNADAS INTERNACIONALES DE PATRIMONIO INDUSTRIAL. Anais. Gijón: Icuna, 2016.

REIS, Antônio Tarcísio. **Repertório, Análise e Síntese: Uma introdução ao Projeto Arquitetônico.** Editora UFRGS, 2002.